

Um volume se impõe num determinado espaço. O ponto de vista fotográfico subtrai sua tridimensionalidade. Na retilínea superfície, linhas e texturas transfiguram-se em potências de acasos geométricos. Mariana Tassinari atíça, revolve, provoca a linguagem. Entres, quinas, arestas e dobras formam uma espécie de alfabeto particular com o qual a artista rearticula as possibilidades de construir o plano, de reinventar códigos e combinações entre a figura e o fundo.

Ciente de que a volumetria, achatada na bidimensionalidade de uma fotografia, se dá como mera ilusão ótica, a artista se vale dessa lacuna do jogo especular para criar, ela mesma, objetos escultóricos que poeticamente tentam devolver a tensão espacial irremediavelmente perdida nos instantâneos fotográficos. Entre a imagem e o volume, repousa a intriga da representação, a partir da qual a artista nos provoca inesperadas e profícuas percepções. Fototátil para olhares de soslaio.

Anteparos, disjunções, opacidades. O que está obliterado, pela ação da artista, seja a paisagem natural ou construída pela ação do homem, emerge com força simbólica enigmática, sensual. Paradoxo poético: é preciso interditar parte da paisagem para que ela se dê a ver de forma íntegra, amalgamando definitivamente aparência e fabulação, factível e ficção. Nesse atravessamento de olhares transversos, nem toda esquina deriva de uma quina.

Eder Chiodetto

